

4.

O trabalho e a família se falam: a pesquisa de campo

Neste capítulo, apresento o desenvolvimento da minha pesquisa de campo, realizada com mães e pais, funcionários de empresas privadas do estado do Rio de Janeiro, que possuem suas contas de celulares pagas por suas empresas. Para essa dissertação, foi realizada uma pesquisa qualitativa com o objetivo de coletar e analisar impressões, apresentadas através dos discursos dos entrevistados, sobre a utilização constante dos celulares para objetivos profissional e pessoal.

As impressões trazidas por esses sujeitos foram analisadas em categorias construídas a partir dos seus próprios discursos. A seguir, apresento os objetivos da minha pesquisa, a metodologia utilizada e resultados alcançados.

4.1

Objetivos da pesquisa

Primeiramente, no capítulo 2, foi realizada uma investigação bibliográfica a respeito das transformações sociais originárias de dois grandes momentos tecnológicos da humanidade: a Revolução Industrial e a Revolução da Informação. Em seguida foi feito um levantamento sobre como essas revoluções tecnológicas interferiram e ainda interferem no contexto de trabalho e na vida pessoal de homens e mulheres. Essa investigação bibliográfica me fez perceber o quanto as tecnologias regeram mudanças na vida dos trabalhadores de todos os tempos: desde o trabalho saindo de dentro da casa para um espaço fabril, o que mudou a própria percepção de privado (casa) e público (lugar de trabalho), até a atuação cognitiva do homem no ato de produção, que foi de criador (antes da Revolução Industrial) a mero executor (durante a Revolução Industrial) e retornou à criação (após a Revolução da Informação ou Digital).

O capítulo 3 descreve a tecnologia celular, o que ela apresenta de possibilidades a seus usuários e as mudanças que esse novo meio de comunicação

vem proporcionando nos relacionamentos entre casais, patrões e empregados, amigos etc. No estudo sobre telefones celulares, encontrei um espaço novo de possibilidades de relacionamentos, onde se pode estar ciente de vários assuntos, assim como tomar decisões à distância, estar com os amigos e familiares a qualquer hora, mesmo que para tratar de trivialidades, e também trabalhar distante da empresa.

Ao longo dessa revisão bibliográfica, vários questionamentos foram surgindo. O que os usuários de celular pensam sobre a vida e o trabalho após a chegada dessa nova tecnologia? O que sentem quando alguém do trabalho faz contato pelo celular, nos horários de descanso ou lazer? Como reagem quando alguém entra em contato no local de trabalho, durante reuniões ou viagens de trabalho, para tratar de assuntos familiares? Como percebem a prática de pagamento das contas de celulares por parte das empresas? Como conduziam os problemas pessoais no ambiente de trabalho, antes da chegada dos celulares? Como era o trabalho antes do celular? Como as pessoas percebem e lidam com as mudanças em suas vidas, quando passam a estar disponíveis quase em tempo integral?

O objetivo da minha pesquisa qualitativa foi exatamente ouvir os trabalhadores usuários de celular para tentar entender como estão percebendo a vida e o trabalho após a chegada do telefone celular.

4.2

Metodologia de pesquisa

A partir dessa seção, apresento o desenvolvimento da pesquisa realizada com 10 sujeitos. Para tal, o atual estudo foi feito com base na metodologia de análise do discurso “Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)” desenvolvida por Ana Maria Nicolaci-da-Costa (no prelo).

4.2.1

Os sujeitos

A priori foram selecionados 15 sujeitos para participar da pesquisa. Porém, ao término de 10 entrevistas, chegou-se ao “ponto de saturação” (Nicolaci-da-

Costa, no prelo, p.12), no qual os novos entrevistados repetiam relatos semelhantes para as questões trazidas pelos anteriores. Nesse momento, pude perceber que as entrevistas realizadas já eram suficientes para a investigação desta dissertação.

4.2.1.1

CrITÉRIOS para a seleção dos sujeitos

Todos os sujeitos selecionados para a pesquisa possuem filhos, estão no mercado de trabalho há pelo menos 8 anos, possuem celulares pagos pelas empresas e são funcionários de empresas privadas, localizadas no estado do Rio de Janeiro.

A escolha desses critérios de seleção se deve a alguns motivos específicos:

Os entrevistados deveriam ter filhos. Esse critério foi relevante pois, em algumas entrevistas realizadas preliminarmente, os sujeitos sem filhos conseguiam avaliar as interferências do trabalho na vida pessoal, mas não percebiam a presença de vida pessoal no trabalho. Logo, o fato de terem filhos aumenta as possibilidades de serem procurados por parentes, familiares, professores e outros para tratarem de assuntos relacionados a esses.

O tempo de serviço foi escolhido com base na entrada maciça das empresas de telefonia celular no mercado brasileiro, que se deu em torno de 1998. Com esse tempo de experiência, conseguimos levantar junto aos entrevistados como era o trabalho antes da chegada do celular.

A escolha por excluir as empresas públicas e só considerar as privadas foi devido ao fato de, nas primeiras, os trabalhadores possuírem estabilidade em seus empregos, garantidos por concursos públicos. Nas empresas privadas, os funcionários podem achar que têm que estar disponíveis aos seus empregadores por precisarem manter seus empregos, o que pode vir a aumentar a disponibilidade desses funcionários ao contato à distância.

Essa variável “empregabilidade” também determinou a escolha de sujeitos com as contas de celulares pagas pelas empresas. Esses sujeitos poderiam acreditar que, pelo fato de terem suas contas pagas pela empresa, deveriam estar mais disponíveis ao celular e assim manter seus empregos.

A escolha por funcionários de empresas que funcionem em um único estado, nesse caso o Rio de Janeiro, se deu por entender que as realidades sociais podem ser distintas de uma cidade para outra, determinando inclusive o nível de utilização do recurso tecnológico.

Por atuar na área de Recursos Humanos, a etapa de recrutamento foi rápida, pois precisei simplesmente identificar quais as empresas que forneciam o benefício dos celulares pagos aos seus funcionários e buscar nelas, conhecidos que atendessem aos outros requisitos da amostra.

4.2.1.2 Perfil dos sujeitos recrutados

Para a pesquisa, foram recrutados 15 participantes no momento inicial, porém foram necessárias apenas 10 entrevistas para se chegar ao ponto de saturação descrito anteriormente.

Os entrevistados trabalham em empresas dos ramos de petróleo e gás, telecomunicações, serviços e varejo. Possuem cargos de níveis técnicos (engenheiros e analistas) e executivos (gerentes e diretores), sendo 4 homens e 6 mulheres, com faixas etárias entre 32 e 51 anos. Desses entrevistados, 5 possuem celulares há 11 anos e o restante, há pelo menos 8 anos. Em relação ao celular disponibilizado e pago pela empresa, os entrevistados possuem entre 4 e 9 anos dessa concessão.

Todos os entrevistados têm mais de 9 anos de mercado de trabalho e possuem nível superior completo em engenharia, psicologia, administração de empresas, economia e direito e atuam em áreas diversas: segurança e meio ambiente, instalações industriais, recursos humanos, administrativo, vendas, marketing, varejo e consultoria de serviços.

4.2.2 Coleta de dados

As entrevistas qualitativas foram realizadas individualmente, como instrumento de coleta de dados, por meio de um roteiro com tópicos previamente construídos.¹

Esse roteiro foi construído a partir de 3 entrevistas-piloto, que serviram para orientar as questões que compuseram o roteiro final e ajudaram a definir o perfil dos participantes da pesquisa.

Por ter realizado todas as entrevistas pessoalmente, pude observar as reações dos participantes em relação a todas as questões abordadas.

As entrevistas foram realizadas em horários e locais (com privacidade e pouco ruído) escolhidos pelos próprios participantes: restaurantes, residências e escritórios, o que possibilitou que elas ocorressem em clima de descontração e informalidade.

Desde as primeiras entrevistas, os participantes ficaram completamente à vontade para falar sobre o tema, pois trabalho, família e telefonia celular são assuntos que fazem parte do dia-a-dia deles e não geram constrangimentos ao serem compartilhados em entrevista.

Antes de iniciar as entrevistas, combinei com os participantes que essas seriam gravadas para que pudéssemos ganhar agilidade nos registros e facilitar um clima de descontração. Todos concordaram.

Conforme apresentado anteriormente, as questões abordadas nas entrevistas eram baseadas em um roteiro que continha uma lista de tópicos a serem mencionados e investigados e era composto por perguntas abertas, que comportam qualquer tipo de resposta, e perguntas fechadas, com possibilidades de respostas de sim ou não. Em alguns momentos, as perguntas fechadas vinham seguidas de alguma solicitação de esclarecimento ou aprofundamento (por exemplo: a pergunta que questionava se o entrevistado desligava o celular em algum momento era seguida de duas outras perguntas de esclarecimento: Quando? E por quê?).

Esse modelo de entrevista possibilitou que os entrevistados expusessem seus sentimentos e impressões sobre o tema. Porém, em alguns momentos, os

¹ Maiores informações sobre esse modelo de entrevista e a construção de seu roteiro estão disponíveis em Nicolaci-da-Costa, no prelo. O roteiro da minha pesquisa encontra-se no Anexo I.

entrevistados antecipavam assuntos que seriam abordados adiante. Nesses casos, puderam seguir naturalmente com suas explicações para não alterar a linha de raciocínio. Se ficasse faltando um ou outro entendimento por minha parte sobre o tema, eu trazia a questão para ser complementada. Durante as entrevistas, fiz apenas pequenas intervenções para não tirar o foco do entrevistado sobre os seus pensamentos e também não interromper o diálogo.

As primeiras perguntas do roteiro de entrevistas eram fechadas. Foram utilizadas para identificar os sujeitos e para garantir que estavam dentro dos critérios selecionados para a pesquisa. Essas perguntas buscavam dados de identificação dos envolvidos, tais como: idade, ocupação profissional, ramo da empresa no mercado, número de filhos e idade dos mesmos, tempo que possui celular, tempo que possui celular concedido pela empresa, área da empresa na qual o entrevistado trabalha, atividades desempenhadas pelo mesmo na empresa e na família.

O roteiro de entrevistas segue com perguntas abertas, especificamente sobre a utilização do celular para a vida pessoal e profissional. Essa parte do roteiro tem como objetivo descobrir quais são os sentimentos, as opiniões e percepções dos entrevistados sobre o tema.

As questões abertas foram construídas para se captar o entendimento do entrevistado a respeito dos seguintes temas:: Qual o uso que faz do celular; Quais são as principais utilidades do celular; Qual o número de telefone que costuma disponibilizar primeiro aos amigos, colegas de trabalho e familiares: o fixo do trabalho, o residencial ou o celular; Por quê; Desliga o celular, quando e por quê; Com quem costuma falar no celular; Quais os principais assuntos de que costuma tratar no celular; Atende todas as ligações que recebe no celular; Quais são os critérios; O que sentiu quando a empresa comunicou a concessão do pagamento da conta de celular; Foi realizado algum acordo entre o entrevistado e a empresa para a utilização do celular; Se sim, qual foi o acordo; Já aconteceu de seu chefe ou colegas de trabalho estabelecer contato fora do horário de expediente da empresa; Se sim, para quê e como reagiu; Já aconteceu de a família estabelecer contato com o entrevistado pelo celular em horário de trabalho; Se sim, porque; E como o entrevistado reagiu; Quais são as vantagens e desvantagens dessa prática de pagamento de contas dos celulares dos funcionários pela empresa; Qual o papel que o celular tem na vida pessoal e profissional do entrevistado; Como

era o trabalho antes do advento do celular; Como conduzia os problemas pessoais, no ambiente de trabalho, antes da existência do celular; Se, em algum momento antes da entrevista, pensou nessas questões que envolvem celular, vida profissional e pessoal; Como se sente quando esquece o celular em casa ou no trabalho.

Após a realização das entrevistas, que duraram em torno de 45 minutos e foram realizadas ao longo de 2 meses, segui para a análise dos dados, que estão a seguir.

4.2.3 Análise de dados

A análise dos dados, que foi baseada no Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), proposto por Nicolaci-da-Costa (no prelo), ocorreu após a transcrição de todas as entrevistas.

Como realizei as transcrições das entrevistas pessoalmente, fiz anotações sobre os intervalos e reticências que antecediam as respostas, as pausas para sorrisos e gargalhadas, as mudanças no tom de voz e as expressões de surpresa.

Depois das transcrições, iniciei a leitura bastante detalhada de todas as entrevistas e agrupei as respostas de acordo com os tópicos do meu roteiro. A partir desse agrupamento, realizei a análise inter-sujeito, conforme definição de Nicolaci-da-Costa (no prelo). Essa análise inter-sujeito é uma comparação entre as respostas de cada sujeito para cada pergunta proposta e possibilita a identificação de pontos recorrentes no discurso dos sujeitos. Esses pontos recorrentes geram as categorias de análise a serem consideradas na pesquisa.

A seguir, realizei a análise intra-sujeitos, que é feita a partir da leitura e estudo das respostas individuais de cada sujeito, o que possibilita identificar conflitos individuais e contradições nos discursos dos entrevistados. Essa análise também fornece novas categorias para a pesquisa.

Após essas análises, passei à leitura extensiva de todo o material para analisar inconsistências e recorrências de uma ou outra questão.

4.3

Os resultados

A pesquisa foi reveladora no que diz respeito à relação dos trabalhadores usuários de celulares com seus chefes, empregos, amigos e familiares, já que apresenta novos comportamentos e entendimentos sobre os compromissos de trabalho e as relações com as famílias, amigos e empregos.

Sigo com uma divisão das categorias baseadas nas colocações reincidentes nos depoimentos dos participantes da pesquisa, ilustrando, com depoimentos, o que considerei serem trechos importantes para este estudo.

4.3.1

Recursos mais utilizados no aparelho celular

Apesar de não haver uma pergunta específica sobre os recursos mais utilizados no celular, os entrevistados fizeram colocações a respeito do tema, quando responderam sobre quais as principais utilidades do celular. Em relação aos recursos mais utilizados pelos entrevistados, somente dois, Matheus e Joana, disseram que utilizam o celular apenas para fazer e receber ligações, gerando mobilidade para eles.

“Eu uso só orelhão pequenininho: orelhinho.”² (Matheus, engenheiro de 32 anos)

Todos os outros entrevistados utilizam pelo menos o serviço de envio de mensagem de texto, além dos serviços de voz. Dentre essas utilizações, Andréia (psicóloga e gerente de RH, de 37 anos) utiliza o celular para participar de reuniões com pessoas em locais distantes (conference calls) e também para marcar algumas reuniões via mensagens de texto.

Alexandra (gerente de serviços de 34 anos) faz uso das mensagens de texto nas situações mais variadas, incluindo quando deseja ter certa privacidade ao celular:

“Uso quando estou no catamarã, que eu não quero que as pessoas escutem o que eu estou falando. Uso se eu estiver em uma reunião em que eu precise passar uma informação para outra pessoa e eu também não quero atrapalhar. Usava no MBA, na sala, enviava torpedão e continuava assistindo a aula. Uso bem torpedão.”

² Os nomes dos sujeitos foram trocados para garantir a privacidade dos participantes da pesquisa.

Pietra (gerente de vendas de 34 anos) utiliza o celular como agenda, para marcar os compromissos que antes ficavam na agenda de papel, para enviar mensagem de texto para toda a equipe e para fazer controle de estoque.

Jesus (engenheiro de 39 anos) é o que mais utiliza os recursos do celular e parece se divertir bastante com isso, já que, durante o seu relato, fica muito entusiasmado, como se estivesse descrevendo um brinquedo:

“Despertador, às vezes cronômetro, foto muito, torpedo muito, às vezes gravação (de música) no próprio celular. Eu vou ouvindo no caminho. Rádio às vezes. Eu entro na internet, nos portais para saber saldo bancário, notícias de última hora, baixo hits, downloads, eu uso tudo que eu posso.”

Além dos recursos citados acima, os entrevistados utilizam: e-mail, mensagem de voz, rádio, câmera fotográfica, agenda, despertador, mensagem de texto, jogos, bina e utilizam a internet para transações bancárias.

Apesar de 9 dos entrevistados não citarem o identificador de chamada (ou bina) como um recurso utilizado, todos disseram que observam os números dos telefones de quem está chamando, antes de atender o celular.

É importante perceber que as perguntas sobre principais utilidades e usos dos celulares diziam respeito ao comportamento que os participantes possuem quando estão ao celular. Porém, os entrevistados responderam não somente sobre comportamento, mas também sobre os recursos que utilizam.

4.3.2 **Celular: o contato mais rápido**

Ao serem questionados sobre qual o número de contato disponibilizam aos amigos, parentes e colegas de trabalho, 9 dos 10 entrevistados dizem dar primeiramente o número do celular.

Andréa (psicóloga e gerente de RH de 37 anos) possui dois números de celular, um pessoal e outro do trabalho, e são sempre esses os números que disponibiliza a todos.

“Eu nunca dou o residencial. Por que eu nunca estou em casa, quer dizer, eu só estou em casa à noite. À noite a gente está cansado. Eu pelo menos não gosto muito de usar o telefone, não é, então o celular, mesmo estando na rua, você consegue conversar, fazer alguma coisa, você ganha praticidade com o celular. Hoje eu dou mais o número do celular do trabalho para todo mundo por ser mais cômodo e deixo o celular particular mais para os meus filhos, para que ele nunca esteja ocupado ou com pouca bateria.”

Bruno (engenheiro de 46 anos), que sempre disponibiliza o número do celular, justifica que o faz porque o celular é quem “o alcança”.

“O celular, normalmente, eu dou sempre por que ele está sempre comigo. Eu viajo muito... então o telefone de casa e do trabalho...não me alcançam... quem está sempre comigo, e está mais comigo do que eu mesmo é o celular...”

Fernanda (psicóloga de 39 anos) diz que, na maioria das vezes, disponibiliza o número do celular para as pessoas fazerem contato, porque quem liga para ela deseja encontrá-la, mesmo que por celular.

“Por que se a pessoa quer falar comigo, ela liga para mim. Esse é o objetivo do telefone (celular). Eu tenho o meu número e ela me acha. Ela não está querendo falar com a casa da Fernanda. Ela está querendo falar com a Fernanda.”

A única exceção é Mariana (advogada de 32 anos) que diz dar o número do telefone de casa para amigos e família e o celular para os colegas de trabalho e a babá do filho.

4.3.3

Quando e por que desligar os aparelhos celulares

Ao serem questionados sobre se desligam seus celulares, em quais ocasiões e por que o fazem, quatro dos entrevistados disseram desligar seus celulares, sendo que dois no horário em que vão dormir e dois em locais onde são restritas as utilizações, como em cinema, igreja e reuniões com clientes.

A maioria dos entrevistados não desliga os celulares. Eles acreditam que podem ser acionados, a qualquer momento, por pessoas importantes, principalmente chefes, colegas de trabalho e familiares. Nessas ocasiões, põem os telefones no módulo de vibração.

Bruno (engenheiro de 46 anos) diz que não desliga por estar sempre viajando e também porque teme que aconteça algum acidente no trabalho ou na família e ele não seja encontrado:

“Acidente é que nem sogra: aparece quando você menos espera... (risos) Então não tem jeito!”

É importante observar que todos consideram que o trabalho que desempenham possui caráter de urgência e logo, é imprescindível que estejam acessíveis ao celular em tempo integral. Com exceção de Bruno, que é o

responsável pela área de segurança de uma empresa do ramo de gás e petróleo, com risco eminente de acidentes e explosões, todos os outros entrevistados atuam com negócios que geram poucas demandas emergenciais (vendas, marketing, recursos humanos, direito etc.).

4.3.4

O que é pior: esquecer a carteira ou o celular?

Aos serem questionados sobre o que seria mais complicado de administrar: esquecer a carteira ou o celular em casa, todos os entrevistados consideraram pior esquecer o celular do que a carteira.

Alguns fizeram expressão de desespero quando ouviram a pergunta. Essas respostas demonstram o quão imprescindível é o celular para os entrevistados e o quão importante consideram estar comunicáveis.

“Pior? Celular. Carteira você pede dinheiro emprestado para alguém e se vira, mas celular não dá, entende? (Henrique, economista de 34 anos)

Henrique descreveu o que aconteceu quando esqueceu o seu celular em casa. Na ocasião, ele chegou a ligar para casa e orientar a empregada a instalar um “siga-me” em seu celular, transferindo as ligações para o telefone fixo de seu trabalho. O “siga-me” é um recurso complexo de ser instalado, o que nos leva à confirmação da convicção de Henrique sobre a imprescindibilidade de seu celular.

Outras citações confirmam essa percepção de Henrique, como é o caso de Mariana:

“Ual! Cara! Eu acho que é o celular, pelo seguinte: a carteira, o que que tem dentro dela? Dinheiro? Cartão do banco? Dinheiro eu posso pedir emprestado para alguém, né? Documento? Normalmente, no dia a dia, você não precisa do documento. Ah! E com o celular eu consigo reaver a minha carteira. (risos) que aí eu ligo para alguém: fulana esqueci minha carteira em casa, vem trazer para mim. (risos)... Por isso que o celular é muito pior do que a carteira.” (Mariana, advogada, 31 anos).

4.3.5

Disponibilidade dos entrevistados: quais são os campeões de audiência?

Ao serem questionados se atendem a todas as chamadas no celular, com exceção de Bruno (engenheiro, de 46 anos) que trabalha na área de segurança, todos os outros disseram que filtram assuntos profissionais e telefones com número confidencial.

Todos os entrevistados atendem aos chamados de familiares próximos como esposas, maridos, pais e filhos, mesmo que seja para dizer que não podem falar naquela hora e perguntar se é urgente.

Assim como aos familiares, todos os entrevistados disseram atender aos seus chefes diretos em qualquer circunstância.

Fernanda (psicóloga de 39 anos) diz que não atende número confidencial por que, se a pessoa sabe para quem está ligando, ela tem o direito de saber com quem irá falar. Ao ser questionada sobre a possibilidade de ficar curiosa para saber quem está ligando, responde prontamente:

“Não. Não. Se eu ficar curiosa com todo mundo que me liga, enfim, eu só vou fazer isso. Só vou ficar no telefone. Vou estar num Call Center.”

Alexandra (gerente de serviços de 34 anos), que possui uma filha de 9 anos e um filho de 4 anos, faz uma separação entre as ligações de casa, dos amigos e do trabalho. Não atende a todos a qualquer hora e explica o porquê:

“Tem gente até do trabalho que liga todo hora. Que você vai estar daqui a uma hora no escritório e pode resolver... ou de repente eu estou no trabalho e liga alguma amiga que eu acho que eu posso falar de noite... aí eu falo mais tarde. Eu seleciono... e o meu chefe, sempre que aparece o nome dele eu atendo. (Risos) Mas ele quase não liga.(Respira fundo como se estivesse aliviada)”

Em relação à família, relata ter mudado seu comportamento com o tempo em que possui celular. No início, não atendia a todas as ligações de casa, mas atendia a todas do trabalho. No momento, considera que nem tudo de trabalho é urgente, assim como vem dando mais importância aos assuntos de casa:

“Família, hoje eu aprendi a lidar dar melhor com isso. Antes eu não atendia com a mesma constância que eu atendo hoje. Hoje se eu vejo escrito “casa” no telefone, eu já atendo para saber se eles estão precisando de alguma coisa. Eu sou capaz de sair de uma reunião interna para atender um telefonema da minha casa.”

Mariana (advogada de 32 anos), que possui um filho de 7 meses, também reforça que sempre atende às ligações de casa e do chefe.

“O critério é pela situação. Primeiro pela situação em que eu me encontro. Por exemplo eu tô aqui com você.... o meu celular vai tocar... eu só vou atender se for da minha casa, se for, por exemplo, o meu chefe, tá... aí eu vou atender. Se não for isso, eu não vou atender o telefone. Por que não há nada que não possa esperar meia hora eu acabar de fazer o que eu estou fazendo.”

É interessante observar que familiares mais próximos e os chefes são, definitivamente, os campeões de audiência.

4.3.6 Trabalho e família

Ao responderem às perguntas sobre o uso que fazem do celular e qual é a sua principal utilidade, 9 dos 10 entrevistados o relacionaram ao trabalho, como sendo a primeira resposta que vem em mente.

Alexandra (gerente de serviços de 34 anos) diz que a principal utilidade do celular é para falar com a equipe do trabalho. Ela gerencia 20 pessoas e é responsável pelos serviços prestados aos clientes e também pelas atividades financeiras, compras e administrativas do escritório em que atua.

“(Utilizo o celular) Mais para trabalho. Falar com a equipe mesmo. A gente tem um plano tarifa zero, eu ligo para a minha equipe inteira sem custo e aí permite que a gente monitore tudo pelo telefone mesmo. Eu fico fora da empresa, então eu falo o tempo todo com o escritório, pelo celular.”

Por meio do celular, Alexandra consegue visitar clientes e realizar atividades que dispensam sua presença física no escritório.

Andréia (psicóloga e gerente de RH, de 37 anos) relata enfaticamente que utiliza o celular para o trabalho e para a família. Durante a entrevista, descreve o seu dia-a-dia junto ao celular.

“Marcação de reuniões, tomada de decisões que não podem esperar e, além disso, recebo muitas ligações dos meus filhos para pedir coisas, perguntar onde estão as coisas, se podem descer para brincar... O meu marido liga muito. Geralmente para tratar de alguma coisa de casa, combinar se vamos fazer alguma coisa, o que falta para comprar no supermercado, se vai me buscar no trabalho, combinar horários e compromissos.”

Da mesma maneira que para a maioria dos participantes desta pesquisa, controlar os vários aspectos da vida pessoal e profissional pelo celular é uma constante na vida de Andréa, que possui um filho de 9 anos e outro de 5 anos.

Joana (administradora de empresas de 51 anos) é a única entrevistada que relaciona a principal utilidade do celular à família como primeira resposta.

“Para controlar a minha casa. Hoje, para mim assim, no que que ele é útil, é controlar a minha casa... por que eu fico mais tranqüila... eu tenho um celular meu e tenho um celular da empresa. Tenho um celular com o meu filho e um celular com a empregada. E esse celular que fica com a empregada ele também serve para eu ligar da rua ou ela ligar para mim. Por que a gente liga sempre de celular para celular. Então o celular serve para controlar a casa, a empregada e o meu filho.”

Joana utiliza o celular com a mesma função de Alexandra, só que, em relação a casa, realizando e controlando as atividades à distância.

Henrique (economista de 34 anos), Bruno (engenheiro de 46 anos) e Joana (Administradora de Empresas de 51 anos) disseram que, além de trabalho, também tratam bastante dos assuntos que dizem respeito aos filhos e a casa.

4.3.7

O que os entrevistados mais fazem: falar com o trabalho e sobre trabalho

Ao serem questionados sobre com quem falam no celular, os entrevistados disseram que com todos: pais, amigos, parentes, cônjuges, filhos, chefes, colegas de trabalho, babás, conhecidos e desconhecidos.

Porém, ouvindo os relatos das entrevistas, pode-se perceber o quanto disponíveis eles estão, por intermédio de seus celulares, principalmente para os assuntos que dizem respeito ao trabalho.

“Com todos: amigos, trabalho, conhecidos, desconhecidos, enfim, todos” (Fernanda, psicóloga de 39 anos).

“Todos. Mas o pesado mesmo é trabalho. Tanto que você chega em casa e não quer mais saber de telefone. O telefone toca e você fala: “Fica aí, filho. Amanhã eu resolvo.” (Pietra, gerente de vendas de 34 anos)

Todos os entrevistados elegeram o trabalho como sendo o principal assunto a ser tratado no celular.

Jesus (engenheiro de 39 anos) resume como é o seu dia-a-dia ao celular e nos dá um bom exemplo de como essa ferramenta mudou costumes e hábitos no ambiente de trabalho:

“É trabalho mesmo. São: lay-outs, obras, orçamentos, cronogramas, aprovações de requisições de serviços e pedidos... Decisões que a empresa às vezes precisa. Basicamente isso!!!”

4.3.7.1

Mobilidade para Trabalhar

Uma outra importante função do celular aparece como sendo a capacidade de mobilidade que ele oferece em relação ao trabalho.

Ao responder sobre qual é a principal utilidade do celular, Matheus (Gerente de Engenharia de 32 anos) foi contundente:

“É a mobilidade. Falar sem ter que levantar e procurar um orelhão. É receber uma ligação sentado num banco de aeroporto. É receber uma ligação e não terem que te procurar num estabelecimento gigante, que são os que a gente trabalha, invés de simplesmente estar dentro de um escritório e atender a ele.”

Através dos relatos dos participantes, fica claro que é possível estar em qualquer lugar, quando se está no celular.

4.3.7.2

Práticas das empresas

Algumas práticas das empresas relacionadas à existência dos celulares foram abordadas nas entrevistas.

4.3.7.2.1

Concessão do pagamento da conta de celular

Foi solicitado aos entrevistados que dessem suas opiniões sobre a concessão do pagamento das contas de celular por parte das empresas nas quais trabalham. A maioria disse gostar dessa prática, principalmente, porque acredita que o utilizaria para objetivos de trabalho de qualquer forma. Se a conta é paga pela empresa, melhor, já que o celular é considerado por eles como sendo mais uma ferramenta de trabalho.

As reticências que surgiram em relação a essas estão relatadas abaixo:

Henrique (economista de 34 anos) acredita que o celular seja somente mais uma ferramenta de trabalho, que tem ônus e bônus para os dois lados:

“É uma simples ferramenta de trabalho. Entendo (balança a cabeça como se estivesse concordando com algo): tem o lado do benefício sim, mas como você acaba tendo necessidade de falar o tempo todo. E a mobilidade, que você acaba tendo também. É o conceito de vendas, é simplesmente um ônus que a empresa tem, mas para ela ter um bônus de ter lá uma pessoa com agilidade, podendo ser contatada pelos clientes a qualquer momento.”

Alexandra (gerente de serviços de 34 anos) também faz algumas considerações sobre o que considera serem o ônus e o bônus dessa prática. É importante perceber que ela vê vantagens em devolver o celular para a empresa ao final do expediente e não precisar continuar disponível, permitindo uma maior privacidade:

“Era necessário. Assim (fica reflexiva)... a gente diz que não é benefício, né? Que acaba sendo malefício...que invade muito. Mas para o tipo de trabalho que eu sempre tive, se a empresa não cedesse o telefone, em alguns momentos ia passar por situações constrangedoras. Eu ia receber uma ligação e querer retornar para outro estado? Ia gastar a minha conta pessoal? Então, é necessário! Eu achei normal. E a empresa concede para alguns cargos, o uso 24 horas, para vida pessoal. A minha equipe não tem. Sete horas da noite eles entregam o celular. Não levam para casa. Respeita mais a privacidade deles.”

Matheus (Engenheiro de 32 anos), ao ser questionado sobre o que sentiu quando a empresa comunicou o pagamento de sua conta de celular, foi assertivo:

“...que não parecia mais que obrigação.”

Joana (Administradora de Empresas de 51 anos) faz algumas considerações importantes para esta dissertação, no que diz respeito ao posicionamento das empresas em relação ao tema. Vale ressaltar que Joana é uma alta executiva do mercado e que responde à minha pergunta muito mais pelo ponto de vista da empresa do que por si, usuária do recurso.

“Foi meio zoneado até hoje, por que as empresas não sabem se isso é benefício, se isso é um instrumento de trabalho, se tem que ficar plugado 24 horas, se não tem, se paga hora extra, se não paga... Então existem até algumas (situações), por exemplo, no Rio Grande do Sul: você tem uma jurisprudência já de pagamento de hora extra por conta do uso do celular, que a pessoa fica ligada fora do horário de trabalho. Então, nesse caso, numa jurisprudência dessas, para você (empresa) não correr o risco, a pessoa teria que devolver o celular no final do expediente, isso é uma coisa meio complicada... Então acaba que as organizações correm um risco... Umas dão como um benefício, entre aspas, outras definem um teto de limite para reembolso, mas ninguém sabe muito bem lidar ainda com esse... com essa questão do celular. Eu acho que é uma questão difícil.”

4.3.7.2.2

Acordos para a utilização do celular

Ao serem questionados sobre a existência de algum acordo explícito entre os empregados e suas empresas para a utilização do celular, a maioria dos entrevistados disse que não existiu acordo formal para a utilização do mesmo. Talvez a própria resposta de Joana para a questão anterior seja uma justificativa para essa resposta. Talvez as empresas realmente ainda não saibam o que fazer em relação ao tema.

Os poucos entrevistados que relataram acordo, relataram alguma conversa com conteúdo implícito, como o ocorrido com Bruno (engenheiro de 46 anos):

“É! O Diretor conversou comigo da importância do celular, e eu falei com ele que eu ia usar o celular basicamente para a área de trabalho. É lógico que eu teria que fazer algumas ligações pessoais, até mesmo por que eu tô viajando, não tô em casa. Fico no trabalho várias vezes até uma, duas da manhã, então eu vou ter que ligar para a minha casa.”

E conclui o que entendeu da conversa com seu diretor:

“Foi um acordo... Conversa... Eu acho que pra tudo na vida você tem que ter bom senso...”

O que Bruno relata é uma conversa informal com o seu chefe quando esse foi lhe comunicar a concessão do benefício da conta do celular paga pela empresa. Não foi um contrato formal por parte da área de Recursos Humanos da empresa ou algum documento a ser assinado por ele.

4.3.7.2.3

Divulgação dos números dos celulares de seus empregados

Dos 10 entrevistados, 8 tinham seus números de celulares divulgados na Intranet da empresa para que todos os outros colaboradores pudessem encontrá-los a qualquer momento. Um dos entrevistados possui seus números de telefones, celulares e fixos (residencial e do trabalho), divulgados em um Manual de Emergência que foi impresso e distribuído por toda a companhia.

O entrevistado que não possui o seu número de celular divulgado nem na Intranet nem em algum manual impresso considera que essa será uma prática em breve, também, em sua empresa:

“Na minha empresa, tem países onde o celular já está 100% disponível. Sendo da empresa, está lá. Todos os meus colegas de outros países que trabalham na mesma função que eu, 90% deles, tem celular da empresa, e quando eu quero ligar para eles no celular, é só entrar na intranet que eu consigo (o número).” (Matheus, engenheiro de 32 anos)

Esses dados nos levam a perceber que, devido à divulgação de seus números de celulares, os funcionários dessas empresas ficam disponíveis para o contato dos outros funcionários da empresa a qualquer momento e hora.

4.3.7.2.4

Contatos nos momentos de descanso e folga

Ao serem questionados sobre o fato de já terem sido contatados por seus chefes ou colegas de trabalho fora do horário de expediente, finais de semana, feriados e férias, todos os entrevistados responderam que sim.

Joana (administradora de empresas de 51 anos) é a entrevistada que possui mais tempo de mercado de trabalho. Ela disse que já foi contatada por colegas de trabalho várias vezes e relata algumas situações, que considerou mais extremas:

“Muitas vezes. À noite... à noite sim, de manhã cedo, sim... eu acho que é absurdo alguém, sete horas da manhã ligar para você, mas tem gente que liga. Você tá resolvendo os problemas da sua casa, liga alguém para dizer que não recebeu contracheque ou que o marido foi fazer um pagamento no banco e que o dinheiro não estava disponível. Eu digo: o expediente bancário não abriu e nem a sua empresa abriu a essa hora, se o seu marido foi pagar às sete da manhã, o problema é dele! Eu respondi com isso. Não sei lhe falar... eu acho um absurdo... sábado, domingo já fui acessada, feriado eu já fui acessada de férias também. Eu estava de férias no Piauí, um dia, eu me lembro, eu estava indo para uma... ver umas rendeira no Piauí... Num bugre... e me liga um diretor dizendo assim: acabei de ser demitido e estou ligando para lhe comunicar. Eu era diretora de recursos humanos... aí eu ri... e falei olha, eu daqui... eu estou indo ver umas rendeiras no Piauí, não consigo fazer nada. E como a empresa havia sido comprada por um outro grupo, eu falei para ele assim: imagino que quando eu chegar, a próxima serei eu... e ri...”

Ao serem indagados sobre como reagiram ao serem contatados pelos próprios chefes, a maioria considerou normal. A possibilidade de o chefe não fazer contato, inclusive, é vista com algum temor ou preocupação.

Bruno (engenheiro de 46 anos) relata, com o bom humor que lhe é peculiar, a sua preocupação quando o chefe fica um tempo sem lhe telefonar:

“Eu até sinto falta quando ele não me liga... (risos) O que que está havendo com ele? Não me ama mais? Não me bate, não me xinga, não me chuta?”

Pietra (gerente de vendas de 34 anos) foi a única que não considerou tão normal receber ligações do chefe fora do horário de expediente, mas diz que possui a obrigação de atender:

“Atendo. É desagradável, mas é meio que obrigação você atender. Por que muita coisa acontece no sábado. Venda pro varejo no sábado é muito forte. Então atendo sem muito ressentimento(risos)”.

Nesse momento, Pietra acabou se lembrando que ela mesma procura a equipe nas suas próprias horas de folga, para saber como estão as vendas. O interessante é que responsabiliza o celular por essa prática.

“Às vezes até eu ligava para saber como é que as coisas estavam, recebia mensagem, não falava muito não, mas trocava mensagens para saber como é que estavam as vendas. É difícil desligar quando você tem uma ferramenta dessas na mão, né?”

Em relação ao contato de subordinados e pares, a receptividade diminui, mas não atinge metade do grupo. Mariana (advogada de 32 anos), que já havia dito que sempre atende seu chefe, também considera natural atender as ligações dos colegas e justifica:

“Já até por que, o que acontece, como você está em férias, é grande parte da empresa não sabe que você está de férias. E como a gente tem o hábito de se falar pelo celular, as pessoas automaticamente telefonam como se você estivesse trabalhando...e quando você atende o telefone, se não você não disser estou de férias, né? Se você não colocar esse limite, a pessoa vai falar e imaginar que você está trabalhando, entendeu?”

4.3.7.2.5

Pagamento das contas de celulares pelas empresas

Todos os entrevistados relatam vantagens na prática dos pagamentos de contas pelas suas empresas, principalmente por causa da economia que acabam por fazer, já que também utilizam o mesmo aparelho para demandas pessoais.

As desvantagens relatadas estão relacionadas à necessidade de disponibilidade para o trabalho, uma vez que o celular é pago pela empresa. Somente um entrevistado diz não haver desvantagens nessa prática de pagamento da conta de celular, divergindo assim da grande maioria dos participantes da pesquisa.

Alguns relatos foram bastante ricos tanto em relação às vantagens quanto às desvantagens e, por isso, descrevo-os a seguir.

As principais vantagens dizem respeito à economia gerada por essa prática, a possibilidade de se obter respostas para resolver determinadas situações da vida e do trabalho rapidamente e também a menos uma conta para pagar. Eis algumas falas dos entrevistados sobre essas vantagens:

“Economia da nossa parte. Essa é a primeira. É uma grande economia. Não consigo ver outra.” (Andréa, psicóloga e gerente de RH de 37 anos)

“A vantagem é a conta paga. É muito bom também você ter logo a informação, você conseguir resolver as coisas aonde você estiver.” (Fernanda, psicóloga de 39 anos)

“A vantagem é uma economia absurda. Por que pelo volume que eu faço de ligações, eu estou economizando muito. E a empresa também, por que pelo plano empresa, o custo fica reduzido. Vantagem é você poder resolver tudo que você quiser, de onde você estiver. E poder filtrar também aquilo que você acha que não é importante.” (Alexandra, gerente de serviços de 34 anos)

“A verdade é a seguinte: você viaja a beça. (bate com as duas mãos na mesa) Você tá sempre fora da companhia. Nunca eu sei quando eu tô no Rio de Janeiro. Às vezes eu venho só para ver se já tiraram o meu nome da mesa ou não. Então, ainda ter que saber, receber conta de telefone. A companhia tem que pagar a conta.” (Bruno, engenheiro de 46 anos)

Já as desvantagens, que os participantes entendem como consequência dessa prática do pagamento da conta do celular, estão diretamente relacionadas à disponibilidade exigida dos funcionários:

“Quando você tenta selecionar as ligações que você vai ou não atender... Como você vai dar esse limite para as ligações, já que quem paga essas ligações é a empresa? Mas a empresa também tem que entender que aquele horário é meu, não é mais dela. Impor esse limite entre as duas coisas é meio complicado. É a coisa da cultura mesmo da empresa. Algumas áreas aceitam e outras não. Outras entendem que você tem que ficar 24h à disposição.” (Andréa, psicóloga e gerente de RH de 37 anos)

“Acho que você se sente um pouco obrigado até a responder todas as chamadas, a atender sempre o celular, por que eles (a empresa) te deram uma ferramenta para te achar.” (Jesus, engenheiro de 39 anos)

Uma das participantes da pesquisa compara a relação com o celular da empresa com a do escravo com o seu dono, sem horas reservadas ao descanso. O escravo é aquele que trabalha todo o tempo:

“A desvantagem é: a desvantagem que eu vejo é que você fica um pouco escrava dessa relação. Eu acho que essa é a grande desvantagem. Por mais que isso seja uma convenção, eu acho que é praticamente uma escravidão. Porque mesmo nos horários que são fora do seu trabalho, você se sente obrigado a manter o celular ligado. É quase que uma coisa... meio que automática assim na minha cabeça. Você não pensa muito. Então, eu acho que essa é a grande desvantagem: essa relação de escravidão.” (Mariana, advogada de 32 anos)

4.3.7.3

A vida profissional antes da chegada do celular

Joana (administradora de empresas de 51 anos), que é a entrevistada com mais tempo de mercado de trabalho (31 anos de atuação), conclui que as informações sempre chegaram, mesmo antes do celular. A principal mudança se dá pelo fato de as pessoas poderem ser acessadas imediatamente; por isso, todos esperam respostas imediatas. Ou seja, o tempo que se exige atualmente de um contato por celular é menor por causa das características desse recurso. Apesar de longo, o relato de Joana, abaixo, nos auxilia na argumentação de sua crença:

“Tinha o (telefone) fixo. Você trabalhava com o fixo e ninguém morria sem que você soubesse. Se alguém morresse e não conseguisse falar com você pelo telefone, alguém ia lá no seu trabalho. Tinha o seu endereço, entendeu? Então nada, nunca houve assim, nunca vi ter problema por que não existia celular. As pessoas se comunicavam, depois veio o fax, aí o fax já tinha uma comunicação também um pouco maior. Tinha um tal de um telex, eu não peguei muito isso não (dá uma gargalhada), mas as pessoas também chegaram a se comunicar com este tal de telex. E no passado, no passado, tinha a fumacinha e tinha o código Morse. Então as pessoas sempre se comunicaram de alguma maneira. Só que os requisitos de resposta eram de acordo com os equipamentos existentes: se você tinha como equipamento um fixo, a resposta, ela tinha a demanda de tempo do que o fixo podia dar, como você hoje está on-line com o celular no seu bolso, com o computador no seu bolso, com um palmtop no seu bolso, a demanda ela é imediata, on-line. E no passado não era on-line. Então ninguém te exigia que você estivesse on-line. O que hoje é exigido (atualmente). Então, na época da fumacinha, o pessoal se comunicava por fumacinha e isso dava o tempo para a fumacinha voltar.”.

Outras respostas indicam mudanças após a chegada do celular, seja gerando facilidades, seja aumentando a demanda de trabalho.

“Quando havia necessidade, por que eu acho que o celular também faz isso. Às vezes você acaba usando pela facilidade, você usa mais do que você deveria ou precisaria, né? Quando não tinha o celular, eu realmente só usava o fixo, era a forma de me comunicar... até por que, antes de ter o celular, eu me lembro que nem e-mail também existia muito, nessa época...” (Mariana, advogada de 32 anos)

“Tranquilo, até por que quando era só o telefone de mesa, nem sempre você tá na mesa... nem sempre deixam recado... no celular você recebe tudo e deixam recados direto... Então antes, era muito menos estressante... hoje é full time, dependente de uma ferramenta... retornar para o antes, no mundo que nós vivemos, não daria.” (Jesus, engenheiro de 39 anos)

“ (O trabalho era) menos produtivo, com certeza!” (Pietra, gerente de vendas de 34 anos)

“A gente até brinca que era feliz e não sabia... a gente tinha paz. Mas por outro lado a gente não conseguia saber nada que acontecia em um tempo legal. Então, quer dizer, hoje eu não consigo viver sem celular.” (psicóloga e gerente de RH de 37 anos)

4.3.8

Práticas das famílias

Algumas práticas das famílias na utilização dos celulares também foram abordadas na pesquisa.

4.3.8.1

Celular: O caminho mais rápido até os pais

Com exceção de um pai que não soube informar, pois viaja muito e o contato disponível na cidade é sempre o da esposa, todos os outros entrevistados disponibilizam os números de seus celulares para as escolas e babás de seus filhos.

Alguns dos entrevistados compraram, inclusive, celular para as babás também estarem acessíveis e em contato, por todo o tempo. É o caso de Alexandra (gerente de serviços de 34 anos), que relata:

“Todos os telefones(estão disponíveis na escola), mas é mais seguro me encontrar no celular. E a minha babá, que tem celular também, tem o telefone dela disponível na escola. E eu também atendo, quando eu leio o nome do colégio, aonde estiver, eu atendo...”

4.3.8.2

Famílias fazem contato durante o expediente de trabalho

Todos os entrevistados relatam já terem sido contatados por seus familiares ou empregados domésticos durante o horário de trabalho.

Todos os entrevistados atendem aos seus familiares prontamente. Em poucos casos, em reuniões em que não é possível falar, o entrevistado envia mensagens de texto, perguntando se é urgente e avisando que está em reunião.

Fernanda (psicóloga de 39 anos) considera a família sempre uma prioridade.

“Atendo. Eu acho que pessoas da família você acaba tendo prioridade. É por que aconteceu alguma coisa. Existe uma certa urgência e eu acho que aí a gente tem que considerar. Família em primeiro!”

E complementa:

“Eu trabalho 10 horas por dia. (sorri) Se eu não usar o telefone para administrar a minha vida, eu não faço mais nada. Então é assim: eu uso o telefone como ferramenta, é uma ferramenta de trabalho como o meu computador. Faz parte da minha vida. Se eu saio sem o meu telefone, e acontecer alguma coisa, as pessoas

vão ligar para mim e não vão me encontrar. Pode ser algo urgente e eu não vou conseguir resolver. Então, dá até uma angustia, um desespero, por que tá faltando alguma coisa. Como se tivesse faltando a carteira de dinheiro... Como já se tornou tão importante (fica reflexiva)... tão presente?”

Ao ser questionada sobre a possibilidade de estar em reunião, mantém a postura:

“Eu atendo e digo que eu ligo mais tarde. E se for urgente, peço licença e tento resolver da melhor forma possível.”

Henrique (economista de 34 anos) atende às ligações dos familiares mesmo estando em reunião:

“Normalmente eu atendo, né? Amigos e dependendo, pai, essas pessoas e tudo, e família, é alguma coisa urgente? Tô numa reunião... não... depois me liga... Normalmente eu atendo... é alguma coisa urgente? Por que se for urgente, eu vou sair da reunião... obviamente eu vou tratar, né? dependendo da situação, mas dependendo do nível de urgência... mas normalmente eu ligo... e aí? O que que aconteceu?”

4.3.8.3

A vida familiar após a chegada do celular

A maioria dos entrevistados acha que, após a chegada do celular, a administração da vida familiar melhorou devido ao acesso constante e rápido, que gera conforto e praticidade nas soluções dos problemas.

“Eu tinha filho pequeno... antes do celular é mais ou menos a dificuldade que a pessoa tem para te encontrar... então acaba que a pessoa liga para o seu trabalho, aí do seu trabalho vai descobrir em qual unidade você está, aí transfere para a secretária, a secretária vai descobrir qual a unidade que você está, aí vai procurar o telefone da unidade, aí vai ligar para a unidade, aí a unidade vai me procurar, aí eu saí da unidade, fui para uma reunião num órgão ambiental, dependendo da urgência, era um caos...” (Bruno, engenheiro, 46 anos)

“Vou dar um exemplo: o meu filho pequenininho passava mal na creche. Aí ligavam para a casa e não conseguiam falar por que não tinha ninguém em casa. Aí ligavam para a casa da minha mãe e da minha sogra e desta forma acabavam encontrando ou a mim ou ao meu marido. E aí a gente se combinava para ver que ia sair para ir buscá-lo e levá-lo ao médico. Agora tinha que sair tudo combinadinho por que depois a gente não conseguia se falar.” (Andréa, psicóloga e gerente de RH de 37 anos)

4.3.9

Papel do celular na vida dos entrevistados

Ao serem questionados sobre o papel que o celular possui em suas vidas, surgem novas vantagens e desvantagens, só que não estão atreladas, nesse momento, à prática de pagamento das contas pelas empresas e sim à existência desse recurso de comunicação, que é o telefone celular.

Todos os entrevistados citaram benefícios na utilização do celular. Esses vão desde a agilidade e a mobilidade para lidar com a vida pessoal e a profissional, à simples possibilidade de estar bem informado sobre os assuntos de interesse a qualquer hora e em qualquer lugar.

“Acho que é fundamental! Não consigo imaginar a minha vida hoje, se eu tô sem o telefone celular. Eu não consigo. Assim como também não consigo imaginar sem o e-mail. Tá, mas eu acho que o celular até um pouco mais, é.. (fica reflexiva), por que é uma forma de você resolver as coisas a tempo e hora. Entendeu?” (Mariana, advogada de 32 anos)

Em alguns momentos, essa mesma agilidade na informação é vista por alguns entrevistados como sendo inoportuna. Um exemplo disso aparece no relato de Bruno (engenheiro, de 46 anos), que é pai de dois filhos de 13 e 8 anos e uma filha de 16:

“O papel que ele tem? É tudo! Ele acaba comigo! (sorri) Ele paga o meu salário, desconta. Ele não me deixa dormir, ele me acorda no meio da noite. Ele me traz problemas de pessoas que eu não tenho nada a ver com isso.”

4.3.10

A percepção dos entrevistados sobre as mudanças causadas pelo celular

Aos serem questionados se já haviam pensado nas mudanças trazidas pelo celular antes da minha entrevista, somente Matheus (engenheiro de 32 anos) nunca havia parado para refletir sobre essas mudanças.

Todos os outros participantes da pesquisa já haviam refletido sobre isso, em algum momento:

“Já... sempre. Sempre, por que ele toca e incomoda muito. Pelo menos para mim, quando o telefone toca é sinal de incômodo. Mas por outro lado, ele trouxe muita coisa legal. Então a gente acaba fazendo uma análise mesmo.” (psicóloga e gerente de RH de 37 anos)

“Recentemente tinha conversado com uma pessoa sobre isso. Até como que o celular tá interferindo na cultura, né? Na maneira de viver das pessoas, né? De que maneira que o celular invade a sua vida, né... Como é que ela rompe uma privacidade, né? Que você antes tinha e hoje você não tem. Então a gente tá aqui agora e o telefone pode tocar, né? Então interrompe, aí você vai ver quem é. Você pode olhar (remetendo-se ao bina) e você vai ver quem é... E peraí que eu tenho que atender...” (Henrique, economista de 34 anos)

“Um pouco sim... não totalmente, mas um pouco sim por que acaba se tornando cansativo. Você recebe uma ligação num domingo, você fala poxa, meu domingo... é o meu feriado... Então você reflete sim, mas de certa forma, não vê muita saída. Você aceita aquilo, procura não estressar, mas não tem jeito.” (Jesus, engenheiro de 39 anos)

“Isso já foi pauta assim, de discussão de mesa de bar... já. (sorri)” (Mariana, advogada de 32 anos)

“ Já. Várias vezes. Várias vezes. E acho... sempre que eu penso eu penso que veio para piorar a vida da gente (dá uma gargalhada). A minha piorou muito... por que às vezes até você não é acessado, mas só o fato de você saber que pode ser acessado e aí... é... como é que se diz... offline aqui, né... pô (aponta para o gravador) você fica com o telefone ligado aqui por que você pode ter um problema, como eu disse, mamãe é mais velha, papi e tal. Aí você está lá conectado, aí você tá com alguém, tá com o seu marido, com o seu namorado... trepando... toca o telefone, aí você automaticamente vai olhar o que é. Acabou, já mixou. Então sabe o que é que eu faço? Na hora em que eu vou fazer alguma coisa assim, eu desligo o celular. É a hora em que eu desligo. Porque aí eu não quero nem saber se tá tocando ou se não está. Se tem problema ou se não tem. Essa hora ela é minha. Não abro mão. Então, o telefone não me impede de trepar. (outra gargalhada) O resto talvez impeça.” (Joana, administradora de empresas de 51 anos)

As principais mensagens desses relatos têm a ver com possibilidade de acesso constante, falta de privacidade, conforto e rapidez nas informações.